

RECONNECTE-SE À FONTE

A Nova Ciência da Experiência
Espiritual, Como Isso Pode **Mudar**
Você e Transformar o Mundo

**ERVIN
LASZLO**



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	XVII
PREFÁCIO	XXI
COMENTÁRIO	XXIII

PARTE I

A CIÊNCIA QUÂNTICA E A REAVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

O Mundo Quântico	3
A Coerência da Ordem Explícita	8
As Raízes da Ideia de In-formação pelo Cosmos	12
A Natureza da Evolução e o Significado da Experiência Espiritual	16
Os Rastros do Atrator Holotrópico na Experiência Espiritual	22

PARTE II

CONECTANDO-SE AO UNIVERSO QUÂNTICO HOLOTRÓPICO

Desenvolvimentos Holotrópicos na Sociedade	27
Desenvolvendo o Holotropismo em Nós	35

PARTE III

UM BUQUÊ DE EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS

Lawrence Bloom	50
Darla Boone	55
Nicolya Christi	61
Federico Faggin	69
Adrienne Feller	75
Guido Ferrari	80
Jane Goodall	86
Jean Houston	96
Barbara Marx Hubbard	103
Christopher Laszlo	110
Lynne McTaggart	115
James O'Dea	125
Frédérique Pichard	130
Pierre Pradervand	139
Dean Radin	146
Maria Sági	150
Masami Saionji	158
Gary Schwartz	167
Adendo: Ervin Laszlo	182
Autores dos Testemunhos Espirituais	186
Experiências Espirituais: A mensagem e o Significado	192

PARTE IV

LIÇÕES ESSENCIAIS E TAREFAS FUNDAMENTAIS

Passados Três Big Bangs, Vem o Quarto: Rever o Passado para Prever o Futuro	203
O Caminho a Seguir	209

ANEXO	211
Reconectando-se à Fonte e Espelhando-se na Cultura Chinesa	211
A Experiência Tao da Fonte	220
APÊNDICE	227
AGRADECIMENTOS	238
ÍNDICE	241

O MUNDO QUÂNTICO



HÁ UM NOVO CONCEITO DE MUNDO surgindo nas ciências contemporâneas, sobretudo nas disciplinas quânticas. Esse conceito está mais alinhado aos ensinamentos da sabedoria clássica do que à visão mecanicista-materialista dominante atualmente, e não é alheio às experiências de conexão espontânea com o mundo. Isso é importante: ele pode mudar nosso pensamento sobre nossa identidade e a natureza do mundo.

Precisamos dar a devida importância à ideia de que estamos profunda e espontaneamente conectados uns aos outros e ao mundo. Devemos dar uma boa olhada no que as ciências quânticas nos dizem sobre o mundo e nossa conexão com ele.

À primeira vista, o que elas revelam parece fabuloso e até fantástico. Mas não é fantasia, são coisas que podemos apreender melhor levando em consideração a diferença, fundamental, entre o conceito quântico do mundo e o que temos aceitado como correto. De acordo com a visão quântica, o mundo não é uma arena para o movimento de partículas sólidas e indivisíveis no espaço passivo e no fluir indiferente do tempo. Este não é um mundo de partes separadas e separáveis, onde as coisas ocupam posições únicas no espaço e no tempo. Não é uma estrutura mecânica e materialista: *é um holograma*. Como sabemos, em um holograma todas as informações que constituem a imagem estão presentes

em todos os pontos. O que está aqui também está lá; o que está aqui hoje também esteve aqui ontem. Todas as informações que codificam o sistema estão presentes em cada uma de suas partes. Se o universo é um holograma, isso significa que a informação que o torna o que é está presente em cada partícula e em cada átomo. Está presente em você e em mim. O universo é um holograma quântico abrangente.

O que constitui a realidade desse holograma? Não é o que pensávamos: não é a “matéria”. Os físicos não encontraram nada no espaço e nem no tempo que correspondesse a esse conceito. Não há nada no espaço-tempo quadridimensional que satisfaça à ideia de matéria que ficou marcada na história. O que a pesquisa sobre o universo físico revela é que seus componentes são informação e energia. As entidades do mundo real são configurações e agrupamentos de *energia informada*.

O mundo “roda” à base de informação, na forma ativa que o físico quântico David Bohm chamou de “in-formação”. A in-formação explica o comportamento coerente e não aleatório das partículas que compõem as entidades básicas do espaço e do tempo, e é responsável pela miríade de conjuntos de átomos e moléculas que constituem o mobiliário observável do universo. O mundo é um sistema quântico in-formado.

Com o conceito quântico de realidade, muitos dos problemas que têm atormentado nossa compreensão da natureza do mundo são superados. Não é mais uma questão de saber se o mundo é material ou espiritual. O que veio primeiro: partículas de matéria ou consciência? Há apenas uma realidade, e essa realidade é tanto material quanto mental. O mundo é um sistema quântico in-formado constituído de agregados de energia in-formada. Os agrupamentos e configurações são coerentes o suficiente para que consigamos definir e classificar suas características. No sentido mais básico e geral, as energias in-formadas que compõem o mundo observável são padrões de vibração em fase: ondas estacionárias e propagantes relativamente estáveis e duradouras.

O sistema de ondas estacionárias e propagantes que constitui o universo manifesto nos faz perceber as entidades do mundo real como “coisas” sólidas em um plano de fundo mais difuso. Nós as interpretamos como entidades materiais. Mas isso, como Einstein apontou, é uma ilusão. Max Planck disse claramente: no fim das contas, não existe matéria no universo.

A realidade da mente. Se não existe matéria no mundo, como fica a mente? Ela é um fenômeno real? A pergunta faz sentido, porque o holograma quântico que chamamos de universo apresenta aspectos que sugerem a existência dela.

Há mais de 100 anos, o cosmólogo James Jeans observou que o universo se assemelha mais a um grande pensamento do que a um grande mecanismo, parece que ele não se resume ao aspecto físico. Isso não é complicado. Sabemos que o universo é, em grande parte, intangível, constituído não de coisas materiais, mas de agregados de energia e informação semelhantes à matéria. Os agregados de energia informada que constituem o universo não são aleatórios: eles demonstram uma coerência notável. Isso não é explicado pela teoria mais bem aceita, segundo a qual as coisas que surgem no universo são o resultado de interações aleatórias. São as interações não aleatórias que produzem fenômenos semelhantes à matéria e também produzem outros semelhantes à mente. Esses últimos são um dos aspectos do universo quântico.

O universo não é material nem psíquico; ele exhibe apenas aspectos semelhantes à matéria e à mente. Seus aspectos materiais aparecem quando ele é visto “de fora” por um observador externo hipotético; e os mentais vêm à tona quando é visto “de dentro” por um observador que faz parte dele. Uma perspectiva coloca o universo como um sistema de energia informada, e a outra como uma mente cósmica.

O universo e NOSSO universo. O universo que observamos e habitamos representa a totalidade da realidade observável e cognoscível? O

mundo inteiro? A resposta é não. Esta é uma resposta surpreendente e aparentemente infundada. Para a ciência moderna mais aceita, a ideia de que existe uma realidade além do universo é uma proposição inaceitável. Nas últimas centenas de anos, acreditava-se que tudo que existe fazia parte do universo. Agora parece que o mundo vai além dele. O observado é apenas *nosso* universo. Existem outros milhões e bilhões.

O entendimento atual é que o mundo não surgiu com o *nosso* universo: nele, houve um pré-espaco antes que este universo nascesse, na explosão cósmica conhecida como Big Bang, há 13,8 bilhões de anos. Ele desaparecerá quando os processos que compõem seus elementos semelhantes à matéria terminarem. Então estrelas e galáxias se tornarão parte de um universo “morto” em eterna expansão, permanecendo equilibradas no fio da navalha entre expansão e contração, ou se tornarão parte de um universo que entrou em colapso, quebrando-se em dimensões quânticas.

Independentemente do destino final de *nosso* universo, é claro que ele não contém o mundo em sua totalidade — este surgiu com o advento de uma realidade mais ampla e mais profunda. Os gregos chamavam essa esfera mais profunda, talvez eterna, de *Kósmos*, e *nosso* universo parece ser um domínio local do espaço-tempo do *Cosmos*.

Trata-se de um domínio notavelmente coerente, o que exige explicação. Agora temos uma: *nosso* universo é “in-formado” pela dimensão mais ampla e profunda — o *Cosmos*.

Já há muito acredita-se que essa dimensão seria um domínio “in-formativo”, além do espaço e do tempo; isso está presente na filosofia de Platão. De acordo com ele, o mundo das formas e ideias é a realidade superior (ou mais profunda), a do *Cosmos*; o mobiliário físico/material do mundo é apenas o reflexo dela.

A teoria quântica de David Bohm confere uma nova relevância a essa visão antiga. No conceito do físico, a realidade última é a ordem “implícita” (ou envolta), e o mundo percebido, a ordem “explícita” (ou

desdobrada), é sua manifestação. A ordem implícita, lembrando o conceito grego de *Kósmos*, “in-forma” (forma e estrutura) a ordem explícita.

A “in-formação” da ordem explícita, do universo perceptível, cria os agrupamentos e as configurações das ondas estacionárias e propagantes que observamos e das quais nós mesmos somos exemplos. Enquanto seres humanos, assim como todas as coisas no espaço e no tempo, somos entidades criadas pela in-formação da ordem explícita, manifesta, pela ordem implícita, não manifesta, mas fundamentalmente real. Isso sugere uma resposta à pergunta perene: no fim das contas, quem somos nós? *Somos configurações in-formadas feitas de vibração em forma de onda no universo, que é um domínio de coerência no Cosmos.*

AMOSTRA

A COERÊNCIA DA ORDEM EXPLÍCITA



AGORA, DESÇAMOS DAS ALTURAS AUGUSTAS DA metafísica (a física especulativa da realidade última) para o domínio mais concreto da física baseada na observação, que exemplifica e explica os princípios básicos de uma metafísica perene. De acordo com a formulação atual da nova física, o universo é um domínio coerente no Cosmos. Há muitas evidências para esta afirmação nas investigações cada vez mais precisas e abrangentes da física contemporânea.

Já em meados do século XX, os físicos Arthur Eddington e Paul Dirac observaram curiosas coincidências entre as constantes físicas do universo. A razão entre a força elétrica e a força gravitacional, que é de aproximadamente 10^{40} , corresponde à razão entre o tamanho do universo e a dimensão das partículas elementares — também de aproximadamente 10^{40} . Não se sabe como essas proporções poderiam ter sido produzidas, e depois mantidas, por processos aleatórios. A razão entre as duas forças deveria ser imutável (já que elas são constantes), enquanto a razão entre os dois tamanhos deveria mudar (já que o universo está se expandindo). Em sua “hipótese dos grandes números”, Dirac especulou que a concordância entre essas razões, uma variável e a outra não, é mais do que coincidência. Ou o universo não está se expandindo ou a força gravitacional varia com sua expansão.

A cosmologia contemporânea desvelou uma série de “coincidências” igualmente incompreensíveis. A massa das partículas elementares, o número de partículas, e as forças entre elas apresentam proporções harmônicas. Muitas das proporções envolvendo grandezas fundamentais podem ser interpretadas, por um lado, à luz da relação entre a massa das partículas elementares e o número de núcleons (partículas do núcleo atômico) no universo e, por outro, à luz da relação entre a constante gravitacional (o fator de gravidade na evolução do universo), a carga do elétron, a constante de Planck (uma unidade de medida usada para calcular os menores intervalo de tempo mensurável e distância física) e a velocidade da luz.

A coerência das grandezas fundamentais do universo é necessária para a evolução de estrelas e galáxias, organismos vivos e biosferas inteiras no espaço e no tempo. Sistemas complexos só podem surgir em um universo em que as constantes físicas são correlacionadas de forma precisa e duradoura. Em algumas dessas constantes, a variação da ordem de um bilionésimo do valor (como a massa das partículas elementares, a velocidade da luz, a taxa de expansão das galáxias e dezenas de outras) teria resultado em um universo estéril. Mesmo uma variação mínima impediria a criação de átomos estáveis e de relações estáveis entre eles e, assim, impediria a evolução de sistemas que manifestam os fenômenos da vida.

A evolução dos sistemas complexos não é apenas uma feliz coincidência de elementos e condições em regiões particulares do universo: os sistemas complexos que chamamos de seres vivos são encontrados em cada vez mais lugares, sob condições cada vez mais diversas. O universo é um modelo universal para a evolução desses que vão desde átomos e moléculas até células, organismos, sociedades e ecologias de organismos. É astronomicamente improvável que tenham surgido por meio de uma mistura aleatória de seus componentes: eles são incrivelmente coerentes. A análise estatística, até mesmo de sistemas relativamente simples, revela que produzi-los misturando aleatoriamente seus elementos constituintes

levaria mais tempo do que a idade do universo. Para usar um símile sugerido pelo físico matemático Fred Hoyle, a probabilidade de que um sistema complexo como um organismo vivo surgisse por uma mistura aleatória de seus componentes é semelhante às chances de um furacão de passagem por um ferro-velho produzir um avião funcional.

Quando se trata de sistemas vivos, a probabilidade de que tenham sido produzidos por processos aleatórios diminui ainda mais. A complexidade do sistema de transcrição e tradução DNA–mRNA–tRNA–rRNA praticamente impede que tais sistemas tenham sido produzidos por processos aleatórios. Sabemos, é claro, que em um processo prolongado, quase tudo o que poderia acontecer acontecerá, mas o tempo necessário para a evolução dos sistemas biológicos por interações aleatórias excede todas as expectativas razoáveis: neste planeta, os 13,8 bilhões de anos que foram necessários para a evolução de partículas, átomos e outras entidades físicas e 4 bilhões de anos que se levou para o aparecimento de sistemas vivos não são tempo suficiente para explicar a presença de estrelas e galáxias nem a teia da vida. No entanto, essas entidades e redes foram produzidas por processos naturais.

Se os processos aleatórios não são suficientes para produzir os fenômenos que observamos, precisamos perguntar: então, o que os produziu? A ideia de que a evolução não é governada por interações aleatórias alimenta o espectro da teleologia — da evolução dirigida por uma vontade ou motivação externa. Essa noção aborda os princípios de divindade da teologia clássica e é inaceitável para a ciência convencional. De acordo com o conceito científico vigente, a evolução é totalmente explicada como uma sucessão não direcionada de estados, em que cada estado, ou combinação deles, produz as condições para o próximo. Essa sucessão governa-se apenas pelo acaso, e a ordem e a complexidade que surgem no curso da evolução são consequência de uma marcha bem-sucedida do universo de um estado para outro. Mesmo sistemas altamente complexos e coerentes são produtos do jogo fortuito de interações não governadas.

Essa teoria, embora ainda vigente na corrente principal da física contemporânea, não explica os fatos; não é provável que esteja correta. Precisamos contemplar a possibilidade de que a evolução de sistemas complexos e coerentes não seja fortuita. Claro, não precisamos recorrer a agências externas e uma razão maior para explicar esta proposição. A explicação reside na natureza da “in-formação” do universo. Nela, as interações tendem a produzir “sistemas” — conjuntos coerentes de elementos — em vez de pilhas e agregados aleatórios.

A evolução é direcionada e não é cega, mas não se governa por uma vontade ou poder alheio, e sim pela in-formação do universo. A ordem explícita, o universo observável, é in-formada de um modo que favorece a evolução de sistemas complexos e coerentes. Não é por acaso; foi por intermédio de um processo universal semelhante ao das leis universais que os sistemas complexos e coerentes que observamos — sendo nós mesmos um exemplo disso — passaram a existir em nosso universo.

AS RAÍZES DA IDEIA DE IN-FORMAÇÃO PELO COSMOS



A IDEIA DE QUE EXISTE UMA DIMENSÃO MAIS PROFUNDA

por trás do mundo observado remonta a milhares de anos. Era uma noção defendida pelos videntes hindus da Índia e que foi elaborada pelos filósofos do ramo metafísico do pensamento helênico: os idealistas e a escola de pensamento eleática, incluindo Pitágoras, Platão, Parmênides e Plotino. O mesmo conceito básico aparece atualmente na teoria quântica de Bohm: a ideia de uma ordem implícita não observada e não observável que informa a ordem explícita observada.

Os filósofos helênicos sustentavam que existe uma dimensão do mundo que vai além da observação. Para Pitágoras, tratava-se de uma dimensão de totalidade transfísica, ininterrupta, o solo sobre o qual surgiram tanto a matéria quanto a mente. Para Platão, tratava-se do reino das ideias e formas; Os platônicos, incluindo Plotino, referiam-se a ela simplesmente como “Uno”. O *Sutra Lankavatara*, na filosofia indiana, a chamou de “dimensão causal”, afirmando que essa dimensão sutil dava origem aos fenômenos “grosseiros” que observamos.

Os textos atribuídos a Hermes Trismegisto descrevem dois níveis do que ele chamou de “o Todo”. O nível que observamos é a ordem “sensível” (perceptível pelos sentidos) das coisas materiais. Abaixo desse

mundo está o “mundo inteligível”, que não é “substancial” e não pode ser observado. A existência do mundo sensível de mudança e movimento deriva da ordem imutável do mundo inobservável, mas inteligível.

Tanto no Oriente como no Ocidente, muitos grandes pensadores metafísicos sustentavam que o mundo observado é secundário: sua existência provém de um nível mais profundo. A dimensão inobservável subjacente é eterna e eternamente imutável, e dá origem ao caleidoscópio mutável e inconstante do mundo observado.

Os videntes hindus chamavam a dimensão subjacente de “Akasha”. O Akasha é a dimensão fundamental, anterior à dimensão observada dos quatro elementos: *vata* (ar), *agni* (fogo), *ap* (água) e *prithivi* (terra). O mundo é uma presença cíclica, emergindo e voltando novamente ao Akasha.

Em seu clássico *Raja Yoga*, o mestre espiritual indiano Swami Vivekananda descreveu esse processo cíclico da seguinte forma:

*O Akasha é a existência onipresente e onipenetrante. Tudo que tem forma, tudo que é resultado de uma combinação, evoluiu do Akasha. É o Akasha que se torna ar, que se torna líquidos, que se torna sólidos; é o Akasha que se torna o sol, a terra, a lua, as estrelas, os cometas; é o Akasha que se torna o corpo humano, o corpo animal, as plantas, e toda forma que vemos, tudo o que pode ser sentido, tudo o que existe... No início da criação, existe apenas o Akasha. No final do ciclo, os sólidos, líquidos e gases, todos se fundem a ele novamente, e a próxima criação procede de forma semelhante, saindo novamente do Akasha.**

Com o advento da Idade Moderna, Giordano Bruno criou a ideia de que há uma dimensão que fundamenta o mundo observado no âmbito da ciência. Segundo ele, o universo infinito é preenchido com

* Swami Vivekananda, *Raja Yoga* (Belur Math, Índia: Advaita Ashrama, 1982).

uma substância invisível chamada *aether* ou *spiritus*. Os corpos celestes não são pontos fixos nas esferas de cristal da cosmologia aristotélica e ptolomaica, mas se movem sem resistência nessa dimensão sob ímpeto próprio.

No século XIX, Augustin-Jean Fresnel, físico francês, reviveu a ideia de um meio que preenche o espaço além do mundo observado. Ele o chamou de “éter”. Fresnel buscou provas experimentais para sua teoria. De acordo com o cientista, trata-se de uma substância quase-material na qual o movimento dos corpos celestes produz atrito. Isso cria um efeito mensurável: o “arrasto do éter”.

No início do século XX, os físicos Albert Michelson e Edward Morley testaram a hipótese de Fresnel. Eles raciocinaram que, se a Terra se move através do éter, a chegada de raios de luz do Sol exibiria um arrasto, portanto, os raios deveriam chegar mais rápido vindo do sentido da rotação da Terra, em direção ao Sol, do que da direção oposta. Mas os experimentos não conseguiram detectar tal arrasto.

Michelson observou que essa falha não refuta a existência do éter, apenas a de uma concepção mecanicista específica dele, que leva em conta o atrito. Mas a comunidade científica considerou que o resultado negativo do experimento negava a existência do éter. Einstein aceitou essa visão, em sua teoria da relatividade especial, não há conceito de uma substância que preencha o espaço e produza atrito físico nem de nenhum fundo fixo subjacente ao espaço e ao tempo. Nela, todo movimento no contínuo espaço-tempo quadridimensional é relativo apenas ao próprio referencial.

Na segunda metade do século XX, os físicos reviveram a ideia da existência de um plano ou dimensão não observável fundamentando o universo observado. No chamado Modelo Padrão da física de partículas, as entidades da física não são coisas materiais independentes, mesmo quando dotadas de massa. Elas fazem parte da matriz unificada. A matriz, cujas entidades são as menores unidades identificáveis do